

Cobra-grande, histórias da Amazônia



Sean Taylor

Ilustrações Fernando Vilela

Tradução Maria da Anunciação Rodrigues

Temas Contos populares; Diversidade cultural; Cultura indígena e afro-brasileira

Indicação Leitor em processo e fluente

GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



64 páginas



O AUTOR Sean Taylor nasceu em Surrey, Londres. É autor de literatura infanto-juvenil, contador de histórias, professor especializado em redação criativa. Quando pequeno, Sean adorava histórias. Ele achava que ouvir as aventuras de *A ilha do tesouro* e freqüentar as livrarias com a possibilidade de escolher qualquer livro era algo normal em todas as famílias. Só mais tarde percebeu que, na verdade, ele tinha sido um privilegiado. Por essas e por outras Sean tornou-se escritor – por compreender que os livros levam a lugares importantes e fundamentais à vida. Sua carreira literária começou com a poesia. Quando passou a dar aulas no ensino fundamental, escreveu a primeira história infantil. Mas só entendeu a verdadeira importância e sentido das narrativas e de como mantê-las vivas ao conhecer o contador de histórias escocês Duncan Williamson. E desde então tem se dedicado a esse ofício. Casado com uma brasileira, Sean divide o tempo entre Bristol e o Brasil. Sua primeira viagem à Amazônia aconteceu em 1995 e imediatamente ficou fascinado pelas histórias dos moradores da região. Em 2004, subiu o rio pela terceira vez e escreveu este livro.

O ILUSTRADOR Fernando Vilela nasceu em São Paulo, em 1973. Artista plástico, *designer*, arte-educador, ilustrador e também autor de poemas e de narrativas, destacou-se ao longo dos últimos anos pela produção nesses vários campos de atuação. Neste livro, dá testemunho de sua criatividade ao trabalhar com técnicas convencionais (a gravação em madeira, a xilogravura) e com invenções muito pessoais (a gravura-carimbo, com borracha escolar que ele próprio escava), aliadas a técnicas contemporâneas (a finalização e o colorido das xilogravuras e dos carimbos feitos no computador). Entre os inúmeros prêmios que recebeu por seu trabalho destacam-se, em 2007, o Jabuti de melhor livro de ilustração infantil ou juvenil, o de melhor poesia e o de melhor ilustração da FNLJ e a menção honrosa da Feira do Livro Infantil e Juvenil de Bolonha por *Lampião e Lancelote*.





À semelhança do diário O termo “diário” é bastante conhecido como registro escrito das experiências de um indivíduo no momento em que as vive. Por isso muitas vezes se considera que o diário é, por excelência, o gênero discursivo da *intimidade* – da reflexão profunda sobre os acontecimentos exteriores da vida comum, que precisam ser compreendidos por quem os vive (como no famoso *O diário de Anne Frank*). Mas, além do diário íntimo, há também, como componente do gênero, as modalidades do diário público e do diário de viagens.

Nos séculos XV e XVI, com as grandes navegações e suas descobertas, o diário de viagens se tornou documento fundamental para o registro das primeiras impressões de europeus sobre os novos territórios. É um gênero em que se privilegia o caráter exploratório, sendo, portanto, importante fazer anotações sobre a diversidade de elementos da cultura, da flora, da fauna, dos tipos humanos, da geografia.

Tal e qual um diário de viagens, Sean Taylor traz neste livro não



CRÔNICA DOS VIAJANTES

Nas histórias que reconta, Sean Taylor deixa gravado o percurso que tornou possível a ele aproximar-se das pessoas e das lendas que há muitos anos circulam de voz em voz nas regiões ribeirinhas do Amazonas. É assim que seu livro começa já na dedicatória, pois é à influência do pai, que amava viagens e conversas com estranhos, que ele atribui o próprio interesse por ouvir casos e contos. Esse interesse ampliou-se quando saiu da Inglaterra para aventurar-se por outros mundos. Viajando nos barcos Rio Afuá e São Francisco, Sean Taylor percorreu a Amazônia, sentiu o calor dos trópicos e a umidade do clima, entrou em contato com a floresta e sua natureza exuberante, pôde ouvir – pela voz de habitantes da região – lendas e casos que, como as águas do rio, fluem desde muitos e muitos anos atrás. Os contos orais alimentam a vida com a poesia e tornam bela a aventura de enfrentar os mistérios da natureza. Registradas em uma de suas múltiplas versões, essas narrativas mantêm ativa a arte que, tecida com a experiência, tem muito a nos ensinar.

POR DENTRO DO TEXTO

UM BARCO, MUITAS PESSOAS E A FORÇA VIVA DA DIVERSIDADE DAS CULTURAS

A bordo do barco Rio Afuá, Sean Taylor registra, **à semelhança de um diário**, a grandeza da maior bacia fluvial do mundo. Seus olhos e ouvidos, extasiados com a variedade da flora e da fauna, também estão atentos às pessoas. Embora conviva apenas circunstancialmente com elas, tece os laços da amizade e do aprendizado sobre culturas diversas da sua e que, a despeito das inovações da vida urbana, continuam ativas na memória e no costume das populações.

É quase sempre dos velhos moradores das cidades da região que o viajante pode ouvir histórias que passam de geração a geração: dona Montserrat, moradora de Abaetetuba, conta-lhe a lenda do pássaro que se apaixona pela Lua; o seu José de Deus, velho soldador do barco que conduz o autor a Santarém, narra-lhe a história da mulher meio-peixe; e, já em Santarém, conhece o senhor Ignácio Lucas, que, aos 84 anos, relata a esperteza da raposa que está na mira de uma onça dissimulada.

▶ apenas o registro das histórias que ouviu – documentando a situação em que as escutou e a pessoa que as relatou –, mas também dos caminhos que percorreu pela bacia fluvial do Amazonas, das cidades por que passou, das pessoas que conheceu, das instituições que deseja valorizar, permitindo ao leitor ampliar a noção e conscientização a respeito da rica cultura dessa região.

Mitos, lendas, histórias de caráter moral e lírico, anedotas são, todos eles, *narrativas* que compõem a tradição cultural dos povos. Algumas – como os mitos e as lendas – buscam explicar, pela imaginação, acontecimentos inexplicáveis para a compreensão humana em determinada época. Outras – como as narrativas de caráter moral – procuram, por meio das ações de seus personagens, estabelecer critérios éticos de conduta diante do mundo. Também podem revelar a riqueza de uma subjetividade que deseja alcançar a totalidade – como na narrativa de caráter lírico. E há, ainda, as anedotas, que revelam com graça e humor um modo de enfrentar as dificuldades da vida diante dos poderosos ou dos mais fortes.

Na *lenda*, acontecimentos cotidianos – o canto triste de um pássaro, por exemplo, em “A lenda de Jurutaí” – ou sobrenaturais e assustadores – como o temor a cobras nos rios em “A cobra-grande” – fazem nascer histórias cujo tema é trabalhado pela fantasia criadora. A palavra *lenda*, que vem do latim *legenda* (aquilo ▶

Outros pesquisadores também se encantaram com as histórias orais da região da Amazônia, que nascem da mescla entre as culturas indígena, africana e europeia. As coletas de narrativas realizadas pelo artista plástico e escritor manauara Moacir Andrade, pelo escritor cearense José Carvalho, pelos docentes da Universidade do Pará Maria do Socorro Simões e Christopher Golder e por Luís da Câmara Cascudo acompanharam Sean Taylor e permitiram a ele compreender as origens das histórias que chegavam a seus ouvidos pelos sons e cantos dos velhos moradores.

Nessas histórias – quase sempre narrativas simples sem autoria definida – há elementos do **mito** e da **lenda**. Em uma delas, “O mistério de Mani”, trata-se de narrar como surgiram elementos vitais para a sobrevivência dos povos que ali se estabeleceram: ela explica a origem mítica da mandioca, alimento fundamental na cultura dos índios. Em outras, a tentativa de explicar o que parece incompreensível – os mistérios da natureza – gera as histórias de entidades sobrenaturais. Esses seres exigem dos homens obediência cega a suas leis e suas ações não são governadas pela mesma ética que conduz os atos humanos. Assim, em “A mãe-d’água”, Graciela tem de entregar seu bebê à sereia que a salvou da morte tempos antes quando estava grávida. Zelina, personagem de “A cobra-grande”, fica prenhe das águas do rio e dá à luz duas serpentes, sendo obrigada a lançá-las de volta à água; é interessante notar que o comportamento dos bebês-cobras, porém, se opõe inexplicavelmente: Maria Caninana é má; Norato é bom.

Também sobressai em algumas das narrativas o **caráter moral**. Em “O boto e o pescador” e “O curupira”, os personagens são punidos por desrespeitarem as leis da natureza – estabelecidas por seres misteriosos, habitantes de regiões inacessíveis aos homens, que parecem guardar o segredo da conduta correta para que a vida possa ser preservada. Na engraçada “Um longo caminho a percorrer”, a situação do bicho-preguiça, que se arrasta sem nunca conseguir atingir o que deseja, acaba por, indiretamente, valorizar o trabalho.

E há as **anedotas**, histórias em que se destacam a sabedoria espontânea, a esperteza e a graça como ferramentas para vencer os mais fortes. Assim acontece em “O jabuti e o urubu” e “Tenho mesmo que ir embora”.

Na diversidade das funções das narrativas orais inclui-se também o aprendizado de que a beleza pode surgir da dor. Em “A lenda de Jurutaí”, a irrealizável paixão do pássaro pela Lua lança

que deve ser lido), originalmente era aplicada apenas a histórias de santos, mas, ao longo do tempo, passou a ser usada também para histórias que explicam fatos ainda não compreendidos pelo conhecimento científico de um povo.

Os *mitos*, em sua acepção mais abrangente, são parecidos com as lendas e cumprem funções semelhantes. No entanto, o termo costuma ser aplicado às narrativas de povos antigos, como os gregos, e também a culturas indígenas. O conjunto de narrativas que compõem o repertório de mitos de uma civilização explica a origem do mundo (cosmogonia), o nascimento dos deuses (teogonia) e as façanhas de heróis (epopéias).



o leitor à atmosfera poética, de caráter lírico do belo canto que nasce da tristeza de amar o impossível.

Os indígenas que ouviam o triste canto do pássaro Jurutaí, os africanos que recontavam suas sagas da chegada ao Brasil, os europeus que relembavam histórias de suas regiões de origem engrossam, com suas experiências, os relatos que circulam de modo vivaz pelas velhas vozes e mantêm viva uma cultura diversificada. Tudo isso foi captado, com admiração e respeito, por um jovem inglês, que, com seu relato, ensina a valorizar aquilo que nos forma.

QUEM CONTA UM CONTO....

Uma das características das narrativas orais é permitir grande variedade de versões e de variantes, pois não estão fixadas pelo registro escrito. A transformação que nelas ocorre, ao serem transmitidas de boca em boca, de geração a geração, não é, necessariamente, a de “contar um conto e aumentar um ponto”. Muitas vezes as variantes revelam adaptações às situações históricas dos narradores.

Por isso, entre tantas versões de histórias sobre o curupira, a que aparece neste livro supõe a existência de pequenas cidades e vilas e também avanço tecnológico. Em “O curupira”, o malvado Mundico – que caça para além da necessidade – tem um *rifle*, indicando acentuada alteração em relação à versão original. Nesse processo – da origem ancestral a sua reatualização em novas situações *históricas* –, permanecem sinais de diferentes funções da narrativa. No nascedouro, a invenção do curupira simbolizava a tentativa de um povo enfrentar, pela imaginação, o temor à floresta, bem como a de respeitar a vida natural. Recontada e alterada, a história de Mundico aponta, para os povos ribeirinhos da Amazônia, para a valorização da preservação da natureza e proibição da caça predatória, que ameaça a sobrevivência de todos.

E, se o narrador altera as histórias que recebe da tradição segundo seus próprios pontos de vista e necessidades históricas, também Sean Taylor o faz ao transcrevê-las aqui. Parte da força das narrativas orais vem das modulações da voz e dos gestos no ato de contá-las. Como reproduzir, então, a cantiga da sábia raposa que enfrenta a onça em “Tenho mesmo que ir embora”? Ou como reproduzir a cantoria da velha contadora de histórias que lhe *canta* a lenda de Jurutaí?

Além disso, a própria experiência do viajante inglês se incorpora às histórias. Entremeando relatos, passando a voz aos

contadores e cantadores, assume também sua voz, do estrangeiro apaixonado pelas belezas da Amazônia. E assim descreve a diversidade da flora, da fauna, das culturas que ali se amalgamam, e ensina sobre a necessidade de amar e proteger o “pulmão do mundo”, a floresta amazônica. Nos barcos em que viaja, Sean Taylor pode ver e denunciar as centenas e centenas de quilômetros de destruição da floresta em nome de interesses econômicos ilícitos e imediatistas. Como ele, também gostaríamos que o curupira aparecesse e impedisse a devastação. Registrar o que pode se perder – como as ancestrais histórias narradas por velhos contadores – é uma das formas objetivas de contribuir para a preservação da vida. Divulgar o trabalho de instituições e grupos como o do Instituto de Desenvolvimento Sustentável/Mamirauá, que luta para desenvolver um projeto com a população local, é outra.



CONVERSANDO COM OS ALUNOS

ANTES DA LEITURA

1. Para iniciar as atividades com este livro, o professor pode trabalhar com as ilustrações. Cada aluno escolhe o desenho que lhe parece mais bonito ou sugestivo. A partir daí, em debate, a classe cria hipóteses sobre o enredo: “A que se deve essa ilustração?”, “O que está acontecendo na história?”. O professor registra as hipóteses mais recorrentes sobre o enredo para que, ao final das atividades com o livro, retorne a elas e confirme, ou não, as expectativas geradas pelas ilustrações.
2. Ao chamar a atenção dos alunos para as ilustrações, é interessante que o professor explique à classe as técnicas utilizadas por Fernando Vilela neste volume. Uma delas pode ser objeto de um trabalho com o professor de Artes. Fernando Vilela cria uma técnica bastante artesanal: a gravura com a borracha (escolar). Escavando a superfície da borracha, imprime-lhe um baixo-relevo, depois preenchido com tinta, permitindo uma forma de reproduzir o desenho (como um carimbo). As técnicas de gravura mais conhecidas na tradição das Artes Plásticas são a xilogravura (relevo sobre madeira) e a litogravura (baixo-relevo sobre pedra ou placa metálica). O professor pode, então, sugerir aos alunos a elaboração de uma “borracha-gravura” para compor as ilustrações de uma história escrita por eles. Se houver possibilidade, na aula de Artes

podem ser mostradas reproduções de litogravuras e xilogravuras de alguns artistas plásticos brasileiros, por exemplo, de Goeldi.

3. Os alunos certamente já viajaram – de fato ou em sua imaginação. Como neste livro de Sean Taylor trata-se de entremear o relato da viagem ao registro das histórias que ouviu, o professor pode sugerir que, em grupos, imaginem uma viagem por um território totalmente estranho a eles (outro planeta ou país). Com a ajuda de pesquisas, cada grupo faz um pequeno diário de viagem relatando o que encontrou ao chegar e a história relatada por um morador sobre a origem de seu povo.
4. Depois da criação do diário de viagem imaginário, o professor de Português pode atuar com o professor de Geografia, mostrando aos alunos um mapa da região da bacia amazônica, chamando a atenção para as cidades mencionadas em *Cobra-grande*: Abaetetuba, Santarém, Barreirinha, Freguesia, Manaus. Ainda valendo-se do mapa, também pode tratar da distância entre Inglaterra e Amazonas.
5. Com a idéia de compor o diário de viagem (imaginário), o professor inicia o trabalho com o diário de leitura, ou dá continuidade a ele se a prática estiver estabelecida nas turmas. Para cada livro lido, abre-se uma página do diário, registrando dados bibliográficos (nome do autor e do ilustrador, nome do tradutor, quando houver, cidade da editora, editora, data da edição). A isso se acrescenta a data da leitura. Ao fim de todas as atividades com este livro, completa-se a página do diário com a anotação das impressões de leitura, que serão exclusivamente pessoais, sem necessidade de correção do professor.

DURANTE A LEITURA

1. A cada uma das histórias registradas por Sean Taylor, o professor pode criar algumas dinâmicas: dramatizações, desenhos, reescritas (mudando o foco narrativo). Isso possibilita que se discutam com a classe as diferentes formas de apresentar uma história – dramatizando-a, desenhando-a, reescrevendo-a –, trazendo diferenças de apreensão. Assim, permite-se que o professor fale sobre a peculiaridade da cultura oral, que sempre pode se transformar, pois depende da transmissão por um indivíduo que se vale de suas habilidades específicas e das necessidades particulares de um grupo.
2. Ao recontar as histórias que ouviu, Sean Taylor revela que algumas delas são versões diferentes das que já leu ou mesmo ouviu de outros contadores. Nesse momento, e com o profes-





sor de História, os alunos podem ser convidados a começar uma experiência com coleta de histórias contadas por pessoas idosas com quem convivem.

3. À medida que avança a leitura do livro, o professor, com os alunos, começa a compor um trajeto de viagem, construindo, em sala, um mural que indica: ponto de partida, cidades próximas e pessoas que Sean Taylor conheceu. Esse mural, na etapa final, será retomado com novas funções. (Será interessante colocar, no mapa, os principais pontos em que há instituições de defesa da floresta amazônica, por exemplo, o que só poderá ser feito após o término da leitura.)

DEPOIS DA LEITURA

1. Pode-se lançar aos alunos o desafio de caracterizar uma tipologia dessas histórias, permitindo ensinar as diferenças entre lendas, narrativas de caráter moral ou lírico e anedotas. Depois de inventariado o repertório de *Cobra-grande*, podem-se fazer as seguintes questões: “A que serve a imaginação?”, “Por que se inventam histórias?”. A discussão prepara o desenvolvimento da atividade sugerida a seguir.
2. Cada um dos alunos propõe a outro um desafio: “Invente uma história... onde o forte vence o fraco; ... onde se explica a origem do céu; ... onde se ensina alguém a se comportar adequadamente ou a respeitar a natureza” etc. As possibilidades da direção temática são, decerto, muitas; aqui se apresentam apenas algumas delas. As produções textuais podem ser lidas, em voz alta, para toda a classe.
3. Uma das preocupações de Sean Taylor é contribuir para a defesa da bacia amazônica. Ele sugere que o leitor entre em contato com o Instituto Mamirauá, por meio do *site* www.maniraua.org.br. A classe pode ser convidada a visitar o *site* e apresentar os resultados de sua pesquisa num pequeno texto, individual, de caráter informativo.
4. Todo o trabalho com o livro pode ser finalizado com a produção de uma pesquisa com coleta de histórias populares, intitulada “Quem conta um conto...”. A pesquisa implicará a construção, coletiva, de um livro, cujo centro será a coleta de histórias populares e que posteriormente será depositado na biblioteca da escola. A metodologia da coleta deve ser definida pela própria classe: anotar o nome e a idade da pessoa que relatou a história, indicar variantes da história e onde foi feita a coleta, entre outros.